

## **FRANÇA DE 1789: REALISMOS E ONIRISMOS...**

Se relembrarmos a História Universal, mantendo uma breve pausa no período da Revolução Francesa, poderemos observar que de lá para cá pouca coisa mudou: ainda existe muita luta pela Liberdade, enormes opressões em nome da Igualdade e grandes matanças em nome da Fraternidade. Além disso, observaremos que no contexto da França de 1789 havia muitas mentiras, a desinformação campeava e circulavam boatos; além disto, grassavam misérias físicas e espirituais, o desemprego era preocupante, os impostos estavam altos demais, a corrupção corria à vontade e os costumes estavam cada vez mais decompostos.

No seu livro “O Grande Medo de 1789”, George Lefebvre escreveu que o pavor sociedade daquela época “nasceu do medo dos bandidos (os desempregados e errantes) e que para a maior parte dos franceses o grande inimigo era a fome, com a agravante de que havia um exército de reserva ao desemprego que aumentava, à menor crise, a multidão dos errantes e dos diaristas agrícolas.”

Naturalmente que o Estado absolutista francês sabia de tudo, mas fazia vistas grossas e continuava a pedir ao povo mais ajuda, pois “se o interesse geral exigia sacrifícios, seria ele (o povo!) o único a ter de suportá-lo”; assim, articulava-se uma política que agravava a miséria das massas e aumentava privilégios d’uma minoria. Em resumo: o “progresso”, não poderia ser realizado a não ser à custa dos miseráveis... Daquela forma, os franceses começaram a se preocupar... Repetiam a todo instante que não poderiam morrer de fome ou viver subjugados, nem eles e nem os seus filhos. Enquanto sofriam as consequências, acabaram por descobrir que a culpa por todas aquelas desgraças tinha suas origens “nas dissipações da corte, na multiplicação dos funcionários e na avidez da aristocracia.”.

Hippolyte Taine (filósofo, historiador e crítico francês) escreveu que àquela época “o povo se assemelhava a um homem que caminhava dentro de um lago, com água até o nível da boca; à menor depressão do solo, à menor flutuação, perdia o pé, afundava e se afogava.” Naquela situação, os franceses estavam com medo de dormir e acordar com tudo desajustado; a confiança nos poderes públicos era muito duvidosa, a situação social se agravava e o povo, indignado, começava a sentir que não era o único responsável pela sua miséria, tal a “cumplicidade dos ministros e dos outros homens do Rei, sempre ao lado dos mais fortes”.

O nível de insatisfação estava tão grande que o povo saiu às ruas para se manifestar. Em 14 de Julho de 1879 circularam boatos de que o exército iria reprimir as manifestações de rua e atacar a população dentro de suas casas; foi assim que uma multidão enfurecida invadiu o mais odiado símbolo do absolutismo real, a Prisão da Bastilha, em Paris. Alheia aos graves acontecimentos, a nobreza prosseguia com a sua elegante rotina, e, depois, foi um mero banquete palaciano que se transformou na gota de água que fez transbordar o copo da revolta popular contra a realeza.

Revelo para os leitores do Jornal de Minas<sup>1</sup> que numa noite destas, no início deste ano da graça de 2014, eu sonhei que estava num país muito grande e rico, no qual, guardadas as devidas proporções históricas, encontrava-se enormes semelhanças com a situação francesa do final da oitava década do século XVIII. Em tal lugar, os habitantes estavam chegando à conclusão de que seria necessário fazer uma profunda reflexão político-administrativa sobre os rumos de sua nação, uma vez que o Estado Democrático deles ainda estava em frágil processo de consolidação. Então, desconfiados e revoltados, saíam protestando aos milhares pelas ruas; também buscavam encontrar alguém que apresentasse alguma esperança de solução para os graves problemas nacionais que os atingia. Lembro-me de que naquele sonho, grande parte da população estava reclamando dos altos impostos usados para custear o crescente déficit público; com tristeza, muitos percebiam que os “de baixo” é que sustentavam os privilégios dos “de cima” à custa de penosos sacrifícios.

O povo encontrava-se indignado com a ausência de investimentos em infraestrutura, com a situação calamitosa da saúde e educação públicas, com o transporte coletivo que era caro e ineficaz; estava também inconformado com a falta de segurança, com o nepotismo, com as altas do custo de vida e dos juros, bem como com a prodigalidade das mordomias, com os desmandos e com as nomeações de “muitas raposas para cuidar dos galinheiros”. Para completar o caótico quadro, estava prevista a realização d’uma competição esportiva internacional que era de alto custo e que não seria a prioridade daquele momento. As agruras da população se apresentavam como uma espécie de reedição das circunstâncias que antecederam a Queda da Bastilha.

Antes que houvesse um desfecho das aventuras daquele povo que a tudo assistia furiosamente e bestializado, eu fui subitamente despertado do estado onírico em que me encontrava. Aquele repentino despertar, para este articulista, foi uma grande pena, pois o futuro do sonho ficou em aberto e eu não consegui saber o que aconteceria. Lembro-me que ao acordar, como eu me encontrava

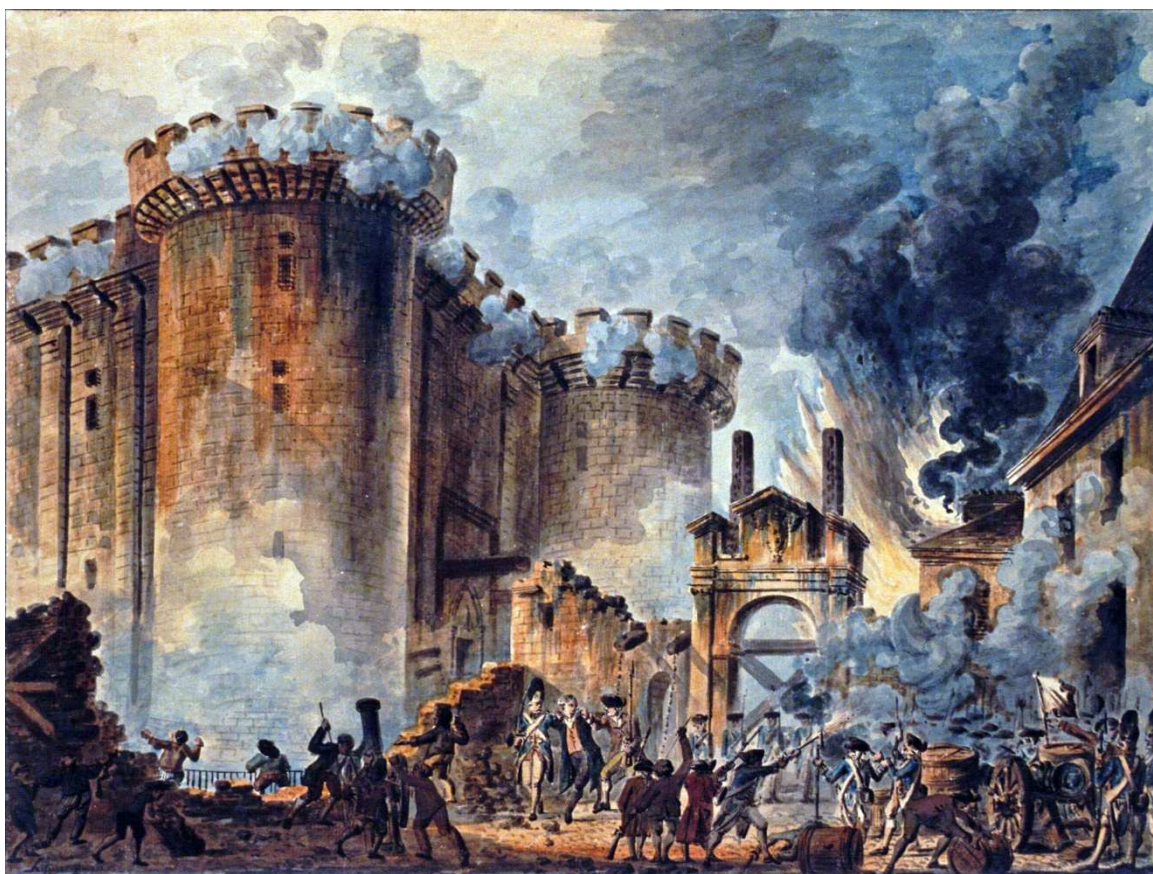
---

<sup>1</sup> Este texto foi publicado originalmente no JORNAL DE MINAS, Ano XIV, São João del-Rei – MG, edição nº 240, de 28/03 a 03/04/2014, pág. 2.

*José Antônio de Ávila Sacramento*

*www.patriamineira.com.br*

faminto e não tinha pão, comi alguns brioches. No entanto, um dos meus castigos foi o de não ficar sabendo, por exemplo, se foram os “jacobinos” ou os “girondinos” que se safaram, ou se a ambos foram concedidas outras oportunidades políticas. Infelizmente, para minha tristeza, eu também não consegui pressentir o que se sucedeu com a figura de uma espécie de “rei que reinava, mas não governava” e nem mesmo o que se sucedeu com o arremedo de uma “rainha ao estilo de Maria Antonieta” que não era santa e nem possuía um passado louvável, mas imperava sobre um “país grande e bobo”, que é como se referiria àquele território o ilustre escritor, pensador, “philosopho” e meu confrade Eduardo de Almeida Reis.



Reprodução do quadro “Tomada da Bastilha”.

Obra pintada por Jeen-Pierre Houël em 1789. Galeria Nacional da França.

*São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil*